

Falarra tanto que cansarra: a aspiração de /v/ no morfema verbal -ava no falar de Fortaleza-CE¹

Falarra tanto que cansarra: the aspiration of /v/ on verbal morpheme -ava in the talk of Fortaleza-CE

Ana Germana Pontes Rodrigues*
Aluiza Alves de Araújo**

RESUMO: Este estudo aborda o enfraquecimento da fricativa /v/, no falar popular de Fortaleza, cuja realização ocorre, como em ta[v]a (manutenção) ~ ta[h]a (aspiração), em contexto de pretérito imperfeito do indicativo da primeira conjugação (/ava/). Nosso objetivo é analisar, à luz da Sociolinguística Variacionista, o efeito de fatores linguísticos e sociais sobre a realização variável da fricativa /v/ na comunidade de fala fortalezense e averiguar se o fenômeno encontra-se em variação estável ou se há indícios de uma mudança em progresso. Nossa amostra é constituída por 48 informantes do projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza (NORPOFOR). No contexto aqui analisado, foram obtidos 1.816 dados, dos quais 839 (46,2%) foram de aspiração. As variáveis apontadas pelo GoldVarb X como relevantes foram (nesta ordem): escolaridade, registro, frequência de uso, faixa etária, tipo de sílaba, gênero/sexo e dimensão do vocábulo. A variável linguística mais relevante, a frequência de uso, mostrou que quanto mais usual um termo, maior será a aspiração de /v/. A escolaridade, a variável mais importante de todas, é aliada da variante aspirada entre os informantes com 0 a 4 anos de escolarização, o que reforçou a hipótese de estigmatização do fenômeno nesta comunidade de fala; a faixa etária indicou que os maiores índices com a variante aspirada ocorreram, preferencialmente, na faixa de 50 anos ou

ABSTRACT: This study verses about the weakening of fricative /v/, in the popular talk of Fortaleza, whose realization occurs, for example on ta[v]a (maintenance) ~ ta[h]a (aspiration) in the context of imperfect indicative of the first conjugation (/ava/). Our goal is to examine, in light of Variationist Sociolinguistics, the effect of linguistic and social factors in the variable realization of fricative /v/ in community of speech of Fortaleza and to ascertain if the phenomenon is in stable variation or if there is evidence of a change in progress. Our sample is constituted of 48 informants of the project Oral Norm the Fortaleza's Popular Portuguese (NORPOFOR). In the context considered here, 1,816 data were obtained, of which 839 (46.2%) were of aspiration. The variables identified by the GoldVarb X as relevants were (in this order): scholarship, registration, frequency of use, age, type of syllable, gender /sex and size of the word. The most relevant linguistic variable (frequency of use) showed that the most common one term, the greater the aspiration /v/. The scholarship, the most important variable of all, is allied of aspirated variant between informants with 0-4 years of schooling, which reinforced the hypothesis phenomenon of stigmatization in this community of speech; the age indicated that the highest rates with the aspirated variant occurred, preferably, in the range of 50 years or more, which pointed to the evidence of a change in progress.

¹ Este artigo é parte da dissertação de mestrado de Rodrigues (2013).

* Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada/UECE.

** Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada/UECE.

mais, o que nos apontou indícios de uma mudança em progresso.

PALAVRAS-CHAVE: Aspiração de /v/. Sociolinguística variacionista. Falar de Fortaleza.

KEYWORDS: Aspiration of /v/. Variationist Sociolinguistics. Speech of Fortaleza.

1. Introdução

Considerando o caráter social da linguagem e a dicotomia língua/fala, optamos pela abordagem laboviana (LABOV, [1972] 2008), que reelabora o conceito de Saussure (1973) e reduz língua/fala a uma única concepção, sem dividi-las, tomando como tema central a noção de que “fato social” é a existência da língua na comunidade, que, por sua vez, é exterior ao indivíduo. Além disso, essa abordagem focaliza a maneira como esse “fato social” é apreendido e modificado pelo falante, o que nos leva ao entendimento de que a língua pode variar de um indivíduo para outro, dependendo das situações sociocomunicativas em que eles a utilizam.

No entanto, segundo Labov ([1972] 2008), a explicação para a variação não se encontra no indivíduo, mas sim na comunidade à qual ele pertence. Nessa concepção, o indivíduo não existe como uma unidade; ele é estudado porque fornece os dados para descrever a comunidade, mas ele, em si, não constitui uma unidade linguística, isto é, um objeto onde encontraremos explicações para fenômenos linguísticos. A realidade linguística estaria, sim, na comunidade de fala.

Para a sociolinguística, o que encontramos nas comunidades de fala é a variação de estruturas heterogêneas, abolindo, dessa forma, a ideia de falante com estilo único (LABOV, [1963] 2008). É nesse sentido que a sociolinguística encontra seu objeto de estudo: a diversidade linguística dentro da comunidade de fala. Uma comunidade de fala não consiste num grupo em que todos os falantes usam as mesmas formas, mas sim compartilham as mesmas normas a respeito da língua. Essas variações na língua comportam regularidades, encontradas no final do processo e não no início, passíveis de definição, o que garante à língua a sua sistematicidade dentro do universo aparentemente caótico da variação. É a chamada variação sistematizada.

No português popular falado na cidade de Fortaleza, a fricativa /v/ é produzida de forma variável, como mostram as formas linguísticas ta[v]a ~ ta[h]a (Inq.² n° 06) retiradas de

² Inq. = Inquérito.

nossos dados. Assim, notamos que: /v/ se realiza como [v] (manutenção) e como [h, f̃] (reificação³). Na audição de inquéritos do NORPOFOR (Projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza), encontramos variação semelhante com o uso das fricativas /s z ʒ ʒ/, na posição de ataque silábico e de coda, como encontramos em: negó[s]io de meia ~ nego[h]o de mêa; ca[z]a ~ ca[h]a; me[z]mo ~ me[h]mo; ma[ʃ]tigar ~ ma[h]tigar; a gente ~ a [h]ente; mai[s] fácil ~ mai[∅] fácil; é me[z]mo ~ é me[∅]mo; dois tipo[ʒ] de ~ dois tipo[∅] de.⁴

Assim, observamos que: /v/ pode se realizar como [v] ou como [h] (aspiração); e /s z ʒ ʒ/ se realizam como [s z ʒ ʒ], como [∅] (apagamento) ou como [h, f̃] (aspiração). No entanto, no presente estudo, resolvemos restringir nossa análise apenas para o contexto de /v/ em posição de morfema do pretérito imperfeito do indicativo (-ava).

O nosso objetivo é examinar as variáveis linguísticas (contexto fonológico subsequente, tipo de sílaba, dimensão do vocábulo e frequência de uso do segmento) e sociais (gênero/sexo, faixa etária, escolaridade e registro) que atuam sobre a aspiração, proporcionando-nos averiguar, a partir dos resultados obtidos, se o fenômeno encontra-se em variação estável ou se há indícios de uma mudança em progresso.

Em relação a essas variáveis, nossas hipóteses eram de que: quanto maior a frequência de uso do item lexical, maior será a sua probabilidade de ocorrer na forma aspirada; as variáveis contexto fonológico subsequente, tipo de sílaba e dimensão do vocábulo não são relevantes para o fenômeno estudado (nesse contexto em específico); a realização variável de /v/ no português falado em Fortaleza é um fenômeno que reflete variação estável; quanto menor o grau de escolaridade, maior o enfraquecimento de /v/; quanto maior a faixa etária, menor será a manutenção; o enfraquecimento de /v/ ocorre em ambos os gêneros/sexos; quanto menor o monitoramento estilístico no registro da gravação, maior será a aspiração.

³ Neste trabalho, usaremos, como sinônimas, as palavras aspiração, reificação, enfraquecimento e glotalização.

⁴ Exemplos retirados do Inquérito 99.

2. O enfraquecimento de /v/ no contexto “-ava” do pretérito imperfeito em estudos do português do Brasil

Alguns dos primeiros trabalhos que registraram o fenômeno na variedade de fala brasileira foram: Aguiar (1937), Seraine (1938 *apud* RONCARATI; UCHOA, 1988), Gueiros (1938 *apud* RONCARATI; UCHOA, 1988), Bueno ([1955] 1967), Silva Neto (1979)⁵ e Macambira (1987). Mesmo alguns autores tendo constatado que eles não seguiram um rigor científico, não se pode negar a sua qualidade nem o seu pioneirismo:

Tais trabalhos, na grande maioria, foram feitos por pesquisadores que, apesar da qualidade e do pioneirismo de seus trabalhos, não seguiram uma metodologia científica que nos assegure sua pertinência. (ARAGÃO, 2004, p. 21).

Monteiro (2001), inclusive, comenta sobre a qualidade de tais trabalhos realizados em uma época em que as pesquisas dialetológicas no Brasil ainda careciam de recursos técnicos. Mesmo assim, muitas observações e conclusões feitas por tais autores são, em grande parte, válidas até hoje. “Em todas as suas observações, o que se constata é um notável senso de percepção e de espírito científico.” (MONTEIRO, 2001, p. 30).

O primeiro desses trabalhos é o de Aguiar (1937, p. 298) que, ao traçar uma fonética do português do Ceará, descreve a ocorrência do *r* velar⁶, também chamada por ele de “faucal”⁷, no lugar de *j* (*hente/gente*), *s* (*ur-dia/os dias, verde/desde*) e *z* (*fahê/fazer*). Esse *r* velar também aparecia no lugar de *v*, no dialeto “rústico” e no infantil, como: *estaha* (estava), *ahia* (havia), *hamo* (vamos), *cahalo* (cavalo).

Nos “Anais do Primeiro Congresso da Língua Nacional Cantada” (1938 *apud* RONCARATI; UCHOA, 1988), há também registros da pronúncia aspirada da fricativa /v/ com marcas estigmatizantes.

A respeito do enfraquecimento de /v/, Seraine (1938 *apud* RONCARATI; UCHOA, 1988) registra o seu apagamento nas palavras “você”, “cavalo” e “vaca”. Na palavra “cavalo”, ele comenta que, entre os almocreves, é comum ouvir-se “caálo” ou “áalu”, como forma de

⁵ Não comentaremos sobre o estudo de Silva Neto (1979, p. 627), porque o seu registro é a própria pesquisa de Martinz de Aguiar (1937).

⁶ Será mantida a mesma transcrição dos textos originais.

⁷ “Consoante faucal que emitimos ao rir (*ha-ha-ha*), embora um pouco mais atenuada.” (AGUIAR, 1937, p. 290).

chamamento. “Tem-se a impressão, muitas vezes, de estar ouvindo ‘carrálu’.” (SERAINÉ, 1938). O autor conta ainda que um outro autor cearense, Antônio Sales, “registra ‘aca’ (vaca) entre os analfabetos.” (SERAINÉ, 1938).

Nesses mesmos “Anais”, no artigo “Importância da Unidade Ortoépica da Língua Nacional e como Assegurá-la em Face aos Dialectos Regionais”, Jerônimo Gueiros (1938 *apud* RONCARATI; UCHOA, 1988) comenta sobre a aspiração de /v/ em Pernambuco também entre as camadas analfabetas, “pronunciado preguiçosamente. Assim, dizem: ‘Ele estaha em casa’, ou mais comumente – ‘Ele taha em casa’.” (GUEIROS, 1938).

Silveira Bueno ([1955] 1967, p. 22-3) também registra esse fenômeno, mas da seguinte forma:

Há no Norte do Brasil todo e também no Rio de Janeiro, talvez por causa do grande número de nortistas aí residentes, um r⁸ gutural [...]. De estudos por nós feitos em vários meses de observação nos estados da Bahia, Alagoas, Pernambuco e na cidade do Rio de Janeiro, notamos que, em muitas pessoas, mormente quando o nível intelectual é inferior, este r gutural já se vai transformando em pura aspiração representada pelo h ou pelo j em espanhol.

Assim, novamente nos deparamos com uma análise estigmatizante referente ao uso da variante aspirada, pois o autor a associa a pessoas de baixo nível intelectual, como se o seu uso pudesse categorizar duas classes de pessoa: as de alta e as de baixa intelectualidade.

Macambira (1987), por sua vez, usa o termo *espirante*, referindo-se ao **r**⁹ e ao **v** labiais e ao **r** aspirado. Por esse motivo, a pronúncia do **v** como **r** espirante em algumas regiões cearenses “demonstra com evidência o parentesco fonético entre as duas fricativas” (MACAMBIRA, 1987, p. 273). Por exemplo, “**carralo rei**” para “**cavalo velho**”, “**rambora**” para “**vambora**”. Ele menciona que esse fenômeno ocorre inclusive no português coloquial de Fortaleza, “na boca de formandos e formados” (1937, p. 274).

O fenômeno que nos propomos a analisar neste trabalho tem sido investigado em algumas variedades do Português do Brasil, especialmente em variedades localizadas na região Nordeste. As pesquisas que encontramos, numa perspectiva variacionista e/ou dialetológica, foram as de Roncarati e Uchoa (1988), Alencar (2007), Marques (2001), Canovas (1991) e Pelicioli (2008).

⁸ Transcrição igual à original.

⁹ O autor utilizou essas letras, com esse grifo, para representar os símbolos fonéticos.

Utilizando o método de análise quantitativa, a pesquisa de Roncarati e Uchoa (1988; RONCARATI, 1999) analisa a aspiração e o apagamento das fricativas /v, z, ʒ/ na fala cearense, procurando determinar o seu contexto linguístico (fatores: distância de tonicidade e qualidade vocálica) e pragmático, medindo também o nível de estigmatização do fenômeno, através de um teste de atitudes linguísticas. Esses dados foram baseados em uma pequena amostra, com 10 falantes (6 homens e 4 mulheres), com escolaridade de 1º (Ensino Fundamental) e 2º graus (Ensino Médio) e uma informante analfabeta. A faixa etária é dividida entre um informante da faixa 1 (de 10 anos), dois da faixa 2 (um de 14 e outro de 15 anos), três da faixa 3 (um de 21, outro de 22 e um de 24) e também três da faixa 4 (um de 38, dois de 40 e um de 42). Além desses fatores sociais e linguísticos, os autores procuraram isolar o efeito do léxico e dos condicionantes discursivos, efetuando um levantamento dos itens mais frequentes em cada entrevista, calculando a frequência absoluta deles (dos aspirados e não-aspirados).

Os resultados dos fatores sociais revelaram que, quanto à escolaridade, o índice de enfraquecimento de /v/ (0,89¹⁰) é menor em falantes com as séries iniciais do 1º grau; os resultados gerais para os fonemas /v, z, ʒ/ foram: analfabetos (0,45 – 42/46), 1ª a 4ª série (0,78 – 99/130), 5ª a 8ª série (0,30 – 161/235) e 2º grau (0,42 – 68/97). Quanto à classe social, o enfraquecimento de /v/ só é favorecido pela classe baixa (0,66), mas não pela média (0,34). Quanto ao sexo, o enfraquecimento de /v/ é ligeiramente beneficiado pelos homens (0,51), ao contrário das mulheres (0,48). Quanto à idade, a aspiração de /v/ tem um índice maior (0,80) entre os da faixa etária de 14 e 15 anos; os resultados gerais dessa variável para os fonemas /v, z, ʒ/, também analisados por eles, foram: faixa 1 – 10 anos (0,85 – 25/25), faixa 2 – 14 e 15 anos (0,28 – 3/5), faixa 3 – 21, 22 e 24 anos (0,38 – 149/212) e faixa 4 – 38, 40 e 42 anos (0,40 – 193/265).

Os fatores linguísticos analisados foram a distância de tonicidade e a qualidade vocálica. Quanto à distância de tonicidade, a distância antecedente 1 é a única favorecedora do enfraquecimento de /v/ (0,73). Para exemplificar esse contexto, eles citam: “na ditadura ta[h]a pior que isso”. Para as demais distâncias antecedentes (0, 2, 3 e 4)¹¹, os valores não foram relevantes. Quanto à distância da tônica seguinte, o enfraquecimento teve como aliadas as

¹⁰ Peso relativo.

¹¹ Exemplos de frases para cada distância com seus pesos relativos: 0 – “# [h]á buscar uma rôpinha” (0,50); 1 – “na ditadura ta[h]a pior que isso”; 2 – “Tinha que le[h]á pro Frifor” (0,48); 3 – “a gente apro[h]eita[h]a um horário” (0,40); 4 – “O gado [h]em em cima...” (0,37). (RONCARATI; UCHOA, 1988, p. 29)

distâncias 4 (0,68), 1 (0,61), 3 (0,57) e 5 (0,55)¹². Quanto à qualidade vocálica, o enfraquecimento de /v/ foi privilegiado com a vogal /a/, tanto antecedendo (0,78 – 66/471) quanto sucedendo (0,64 – 72/405) o segmento; em posição intervocálica, o grupo /ava/ se mostrou o maior aliado da regra (0,85 – 62/245), levando em consideração a totalidade dos contextos em quaisquer posições (pré, pós e intervocálica).

Os autores buscaram ainda medir o nível de usualidade¹³, associando-o ao grau de favorecimento ou não do enfraquecimento, considerando que o fenômeno poderia ser melhor explicado à luz do difusionismo lexical¹⁴. Para fazer esse levantamento lexical, os autores incluíram, além das 10 entrevistas: uma de IMP (Interação Médico-Paciente), gravada no Instituto Psiquiátrico do Ceará, com 3 participantes, e 4 gravações de falantes do interior, pertencentes ao Projeto ALECE (Atlas Linguístico do Ceará). Os falantes do interior possuíam as seguintes características: três mulheres, uma de 41 anos, da classe alta; outra, de 9 anos, da classe baixa e a terceira, de 46 anos, da classe média; e um homem, de 45 anos, da classe média¹⁵.

Os autores consideraram como itens “mais frequentes” tanto aqueles que seriam produzidos pela totalidade dos falantes da amostra quanto um item que fosse muito frequente no léxico de um falante, incluindo o seu uso interiorano ou cidadão¹⁶. Além disso, eles elaboraram uma espécie de verbete para cada item lexical, contendo suas realizações plenas (manutenção) e enfraquecidas. Ao final, foi organizado um dicionário para cada fricativa (/v/, /z/ e /ʒ/) e foi feito um cálculo das frequências globais dos informantes.

Nos resultados dessa pesquisa, o morfema do imperfeito foi selecionado em primeiro lugar. Os verbos com esse morfema são os mais usuais no léxico de todos os falantes do *corpus* por eles analisado: com os fortalezenses da amostra básica (10 falantes), a aspiração atingiu 25,86%; com os 3 participantes da Interação Médico-Paciente (IMP), esse índice foi de 68,29%; e nos 4 falantes do interior, esse valor foi ainda maior, 77,77%. Além disso, comprovam ainda

¹² Exemplos de frases para cada distância com seus pesos relativos: 4 – “chega[h]a na maior.” (0,68); 1 – “Se ti[h]er um poder aquisitivo (0,61); 3 – “[h]ai fazer cursinho.” (0,57); 5 – “porque ta[h]a muito cansado.” (0,55); 2 – “que o velho ta[h]a morto.” (0,49); 0 – “A gente dança[h]a...” (0,15). (RONCARATI; UCHOA, 1988, p. 32)

¹³ Esse termo foi usado pelos autores e resolvemos respeitar a denominação original da variável. Posteriormente, utilizaremos uma variável com critérios semelhantes que resolvemos denominar “frequência de uso”.

¹⁴ O difusionismo lexical privilegia o controle lexical e desloca o foco da mudança da unidade fonológica para a unidade morfo-lexical, prevendo afetamento gradual do léxico. (RONCARATI, 1999, p. 2).

¹⁵ Os níveis de escolaridade não são especificados, apenas o da mulher de 46 anos, que possuía o 1º grau (atualmente, Ensino Fundamental) incompleto.

¹⁶ Exemplos: ca[h]alo (interiorano) e esta[h]a (cidadino e interiorano).

que quanto maior a usualidade do verbo, maior será a probabilidade do seu enfraquecimento, como aconteceu com os verbos “ta[h]a” (23 ocorrências na amostra básica) e “queixa[h]a” (3 ocorrências na IMP). Em segundo lugar, vieram os verbos “gosta[h]a” (10 ocorrências na amostra básica), “brinca[h]a”, “toma[h]a” e “fica[h]a” (estes três no interior do Ceará), seguidos por “da[h]a” (6 ocorrências na amostra básica).

Por fim, o teste de atitudes que os autores aplicaram revelou que: a situação de fala informal favorece o enfraquecimento; o enfraquecimento é uma marca masculina – sinalizaria “manifestação de ‘macho’” (RONCARATI; UCHOA, 1988, p. 93); os da faixa 4 (38, 40 e 42 anos) enfraquecem mais as fricativas; há uma forte correlação entre nível de estigmatização e origem do falante (as mais estigmatizadas são atribuídas a falantes interioranos); a usualidade de um item lexical e a aceitação dos itens enfraquecidos caminham juntas.

Com um intervalo de quase uma década, o assunto sobre as fricativas no falar cearense voltou a ser descrito. Desta vez, por Alencar (2007), em sua tese de doutorado, ao fazer um estudo sócio-dialetal sobre a realização dos róticos (/r/ e /r/) na língua falada em Fortaleza, descrevendo a ocorrência do enfraquecimento nas fricativas vozeadas /v/, /z/ e /ʒ/, em determinados contextos. Seu *corpus* constituiu-se de entrevistas feitas com 24 informantes fortalezenses, de diversos bairros, e distribuídos igualmente de acordo com duas faixas etárias (de 18 e 30 anos e de 45 a 60 anos), os dois sexos biológicos (masculino e feminino) e dois níveis de escolaridade (ensino fundamental e ensino superior). Ela utilizou o QFF (Questionário Fonético-Fonológico), o QSL (Questionário Semântico-Lexical), os TDS (Temas para Discursos Semidirigidos) e as PM (Perguntas Metalinguísticas) do projeto ALiB (Atlas Linguístico do Brasil).

A análise dessa autora conclui que o enfraquecimento de /v/ é mais frequente com a vogal /a/, e o maior número de ocorrências se dá com a desinência /ava/ do imperfeito do indicativo (ex.: brinca[h]am) e com as formas verbais de IR (ex.: [h]amos)¹⁷. Além disso, a autora considera que, numa situação menos monitorada, ocorre, com maior frequência, o enfraquecimento dessas fricativas. No final, Alencar (2007) faz a seguinte consideração:

A “reificação” das fricativas [...] /v/, /z/ e /ʒ/, que ocorre de modo significativo nos informantes, constitui uma marca muito forte no falar fortalezense,

¹⁷ Os exemplos e suas transcrições estão iguais aos da autora.

revelando a importância de um estudo mais aprofundado de descrição do PB. (ALENCAR, 2007, p. 138).

Extrapolando as fronteiras do Ceará e analisando os trabalhos sobre a realização das fricativas em outros estados do Brasil, encontramos o trabalho de Canovas (1991) sobre o falar de Salvador. Sua pesquisa analisa a realização de /S/ pós-vocálico e de /v, z, ʒ/ em ataque silábico. Sua amostra constituiu-se de 45 informantes, distribuídos desta forma: escolaridade (1º, 2º e 3º graus) e idade (faixa 1: de 13 a 20, faixa 2: de 21 a 45 e faixa 3: de 46 a 70 anos). Ela não levou em consideração a variável sexo por constatar que, em seus dados (assim como na maioria de outros estudos linguísticos), as mulheres apontam um comportamento linguístico conservador. Portanto, o sexo do informante só foi determinado para informar mais uma característica sua. As gravações foram feitas pela autora e tinham um caráter semi-informal. Além dessas, ela também coletou entrevistas televisivas de 79 informantes de nível superior, com idade entre 25 a 60 anos, sendo apenas 8 do sexo feminino, em situações de fala formal.

Segundo a autora, em /v, z, ʒ/, o processo de enfraquecimento encontra-se em fase embrionária. O uso da forma padrão é quase unânime, com 4,13% de uso da variante aspirada (72/1744). A fricativa /v/ teve resultados diferentes, pois os falantes mais escolarizados, de 3º grau, foram os que mais aspiraram (5,73% ou 34/593), em seguida, vêm os falantes que possuíam até o 1º grau (3,60% ou 21/583) e, por último, os que tinham o 2º grau completo (0,52% ou 3/568). Quanto à idade, são os da faixa 3 (de 46 a 70 anos) que mais realizam a variante aspirada (4,05%, 25/617), seguidos dos de 21 a 45 anos (3,42%, 21/613) e dos de 13 a 20 anos (2,33%, 12/514). A respeito da ocorrência com as formas em /ava/, Canovas (1991) verifica que, em Salvador, elas não foram relevantes o suficiente para aumentar o índice de aspiração.

Quanto aos fatores linguísticos, em relação ao fonema /v/, a autora controlou apenas a tonicidade e verificou que as ocorrências aspiradas de /v/ em início de sílaba são bem mais frequentes em sílabas átonas [-ac] (56/970 = 5,77%) do que em sílabas tônicas [+ac] (2/774 = 0,25%).

Ainda em Salvador e quase vinte anos depois, Pelicioli (2008) trata especificamente da aspiração das fricativas na fala dessa cidade. Seu *corpus* foi constituído por 8 inquiridos experimentais do projeto ALiB, distribuídos igualmente entre faixa etária (I – 20 a 30 anos; II – 46 a 61 anos), gênero (masculino e feminino) e nível de escolaridade (fundamental e universitário). A aspiração de /v/, que não teve seus dados submetidos ao Varbrul, obteve 48

ocorrências, sendo o sufixo do imperfeito do indicativo /ava/ o que aparece na maioria dos casos (88% ou 42/48). Nas variáveis sociais, Pelicioli (2008) obteve resultados bastante semelhantes aos de Canovas (1991), pois, em relação à escolaridade, os informantes de nível universitário alcançaram 52,1% (25/48) das realizações aspiradas de /v/, enquanto os de nível fundamental ficaram com 47,9% (23/48) das ocorrências. Em relação à idade, o autor também confirmou os resultados de Canovas (1991): os da faixa etária de 46 a 61 anos aspiram mais a fricativa /v/ (58,3%, 28/48), do que os falantes de 20 a 30 anos (41,7%, 20/48). Em relação às variáveis intralinguísticas, Pelicioli (2008) optou por incluir a análise delas apenas para a aspiração do /S/ em coda silábica, ou seja, não há análise de fatores linguísticos para a fricativa /v/.

Sobre o falar pessoense, Marques (2001) trata da reificação do fonema /v/. Ela utilizou todo o *corpus* do projeto ValPB (Variação Linguística no Estado da Paraíba), ou seja, 60 informantes, sendo 30 homens e 30 mulheres, 20 de cada faixa etária (15-25 anos, 26-49 anos e mais de 50 anos), e 12 para cada divisão em anos de escolarização (0-4 anos, 5-8, 9-11 e mais de 11 anos). A ocorrência de /v/ nessa comunidade dá-se de duas formas: realização plena e aspirada. Ela dividiu seus dados em dois arquivos: arquivo 1, composto pelos contextos em que a vogal /a/ está circundando /v/; arquivo 2, formado pelos demais contextos em que /v/ está precedido e sucedido por vogais variadas (por exemplo: /i/ + /v/ + /e/ = tivesse).

Para a análise que estamos propondo neste trabalho, relataremos apenas os resultados do arquivo 1. Nele, quanto ao *status* morfológico do segmento, os morfemas lexicais tendem a conservar a realização plena (0,12)¹⁸, enquanto que os morfemas não-lexicais¹⁹ são mais favoráveis ao enfraquecimento (0,57). Quanto à dimensão do vocábulo, verificou-se que os dissílabos são fortes favorecedores do enfraquecimento (0,66) ao lado dos monossílabos (0,54). Quanto às classes de palavras, os resultados indicaram que só os verbos favoreceram a regra (0,53), pois os “não-verbos” obtiveram um peso muito baixo (0,13).

Com relação aos fatores sociais, quanto aos anos de escolarização, verificou-se que quanto maior o grau de escolaridade, menor será o enfraquecimento (até 8 anos de escolarização, os pesos variaram de 0,56 a 0,59). Em relação à faixa etária, apenas os indivíduos de 26 a 49 anos tiveram um valor relevante (0,58). No tocante ao sexo, as mulheres foram as maiores favorecedoras à realização aspirada (0,54). Por fim, o resultado global da ocorrência dessas duas variantes presentes no *corpus* mostrou que o índice de enfraquecimento é de apenas

¹⁸ Os pesos relativos registrados no trabalho de Marques (2001) são em relação à variante aspirada.

¹⁹ “Ou seja, que não fazem parte da forma básica e significativa do vocábulo” (MARQUES, 2001, p. 60).

0,13 contra 0,88 da realização plena. No entanto, a autora afirma que, pelo fato de a reificação ser bastante frequente em alguns contextos, ela mereceu ser estudada.

Enfim, os estudos apresentados aqui contribuíram, principalmente, para verificarmos a existência das realizações da fricativa /v/ em algumas localidades do Brasil e para fazermos o levantamento das principais variáveis que estariam condicionando o fenômeno (aspiração e manutenção). No Ceará, onde o fenômeno teve mais trabalhos que o investigaram, os fatores mais relevantes foram a frequência de uso do item lexical, a classe gramatical, o contexto fonológico, a relevância informacional e o registro (informalidade).

Ainda no Nordeste, em Salvador (Bahia), foram levados em consideração praticamente os mesmos fatores sociais (e um linguístico: a tonicidade), mas constatou-se também que a aspiração, ao contrário do Ceará, não seria um estereótipo, mas apenas uma espécie de indicador, visto que ocorre em todos os grupos socioeconômicos e etários. Já, em João Pessoa (Paraíba), ao serem analisados contextos mais específicos de /v/, verificou-se que a escolaridade (maior escolaridade, menor reificação), a faixa etária (apenas a intermediária) e o sexo (mulheres reificaram mais) também estariam influenciando a ocorrência da aspiração.

Portanto, nesses estudos, tanto fatores linguísticos quanto sociais têm influência sobre o fenômeno. No entanto, no Ceará, percebemos que há uma predominância de fatores linguísticos associados a um forte fator social, diatópico, a marca regional do estado do Ceará, em consonância com Aragão (2009).

3. Metodologia

Nossa amostra foi retirada do banco de dados do Projeto NORPOFOR que foi constituído com o propósito de montar “um banco de dados sobre o falar popular dos fortalezenses”, considerando que, até então, “não havia um *corpus* que fosse suficientemente representativo dessa variedade do ponto de vista quantitativo e que controlasse as variáveis gênero, faixa etária, escolaridade e tipo de registro, surgiu a motivação para elaboração do NORPOFOR.” (ARAÚJO, 2011, p. 836).

Este *corpus* é composto por 198 informantes, estratificados de acordo com o gênero/sexo²⁰ (masculino e feminino), a faixa etária (faixa 1: de 15 a 25 anos; faixa 2: de 26 a 49 anos; e faixa 3: a partir dos 50 anos), a escolaridade (de 0 a 4 anos; de 5 a 8 anos; e de 9 a

²⁰ A adoção da terminologia gênero/sexo será melhor explicada posteriormente nesta seção.

11 anos) e o tipo de registro (Diálogo entre Informante e Documentador-DID; Diálogo entre dois Informantes-D2; e Elocução Formal-EF).

Para esta pesquisa, foram ouvidos 48 informantes, sendo 2 de cada célula²¹, desconsiderando a escolaridade intermediária de 5 a 8 anos, a fim de que pudéssemos fazer a comparação entre os dois extremos de nível de escolaridade presentes na amostra: 0-4 e 9-11 anos. Esses informantes encontram-se distribuídos no quadro 1.

Quadro 1. Distribuição dos informantes da amostra por gênero/sexo, idade, tipo de registro e escolaridade

Registro	Gênero/Sexo							
	Homem				Mulher			
	DID		D2		DID		D2	
Escolaridade Idade	0-4	9-11	0-4	9-11	0-4	9-11	0-4	9-11
15 a 25 anos	2	2	2	2	2	2	2	2
26 a 49 anos	2	2	2	2	2	2	2	2
50 em diante	2	2	2	2	2	2	2	2

Fonte: Elaborado com base em ARAÚJO, 2011, p. 839.

Legenda: DID (Diálogo entre Informante e Documentador); D2 (Diálogo entre Dois Informantes).

Os informantes da nossa amostra são provenientes de 25 bairros, distribuídos entre as seis regionais que existem na cidade de Fortaleza, o que nos proporciona, embora de forma desigual, uma representação geográfica de toda a área da cidade. A maior parte dos nossos informantes mora em bairros pertencentes ao setor oeste da cidade, cuja renda média por pessoa, de acordo com o censo de 2000 do IBGE (2000 *apud* MATOS; NETO, 2003), é bastante baixa (entre R\$ 239,25 e R\$ 349,74).²² Por isso, e também considerando a profissão dos informantes, a de seu cônjuge (quando havia), a de seus pais e a quantidade de filhos de cada um, Araújo (2011) afirma que eles possuem baixo nível socioeconômico.

Neste estudo, utilizamos dois tipos de gravações do NORPOFOR, a saber: o Diálogo entre Informante e Documentador – DID e o Diálogo entre Dois Informantes – D2. Segundo Araújo (2011), no primeiro tipo, as perguntas feitas pelo entrevistador ao entrevistado eram curtas e claras, com a finalidade de fazer com que o entrevistado falasse o máximo possível.

²¹ O número dois corresponde à quantidade de informantes, e não a de inquéritos, por célula. Assim, foram ouvidos dois DID de cada célula (=2 informantes) e um D2 de cada célula (=2 informantes).

²² Demos preferência a esse censo, pois ele é o que representa a realidade de Fortaleza à época das gravações do NORPOFOR.

Essas perguntas não eram previamente formuladas, como em um questionário. Os assuntos que mais interessavam ao entrevistado eram mais explorados pelo documentador, e isto fazia com que o informante se sentisse mais à vontade para falar, viabilizando o surgimento do vernáculo, ou seja, o falar espontâneo.

Já, no segundo tipo, nos Diálogos entre Dois Informantes, o grau de intimidade entre os informantes era muito grande, pois, necessariamente, os participantes eram amigos ou parentes, o que eliminava boa parte do monitoramento na fala deles. O documentador não fazia perguntas aos informantes e quase nunca intervinha nesses diálogos. (ARAÚJO, 2011)

Essas duas modalidades de inquérito aconteciam em dia, horário e local determinados pelos informantes. A maioria das gravações ocorria na residência dos entrevistados, mas muitos deles optaram por fazer a entrevista em seu local de trabalho.

Realizamos a transcrição fonética dos itens lexicais que continham /v/, em suas variantes aspirada e da manutenção, desprezando-se os 20 primeiros minutos de gravação, pois acreditamos que, após certo tempo de diálogo, o informante não esteja mais monitorando tão rigorosamente a sua fala diante do gravador. Na amostra que analisamos, a duração máxima de cada entrevista era de 64 minutos e, mínima, de 28 minutos. De cada inquérito, ouvimos os últimos 40 minutos²³. No final das transcrições, totalizamos 21 horas 22 minutos e 54 segundos de gravações.

Após a transcrição fonética dos dados das variantes examinadas, feita de oitava²⁴, partimos para a definição das variáveis controladas nesta pesquisa.

A nossa variável dependente depende de certos contextos para ocorrer, que podem ser linguísticos ou sociais. Nesta pesquisa, analisaremos a realização variável da fricativa /v/ como explicado anteriormente: /v/ se realiza como:

- [v] (manutenção). Ex.: gostava. (Inq. 06)
- [h] (reificação). Ex.: (es)ta[h]a. (Inq. 06)

As variáveis independentes foram estabelecidas com base na literatura e na audição dos inquéritos. As variáveis linguísticas aqui analisadas foram: contexto fonológico subsequente, tipo de sílaba, dimensão do vocábulo e frequência de uso do segmento. Para a análise específica que iremos mostrar, não testamos as variáveis: contexto fonológico

²³ Se o inquérito tinha menos de 40 minutos, desconsiderávamos só os 5 minutos iniciais.

²⁴ Como tínhamos muitas horas para serem analisadas, não consideramos viável o uso de nenhum programa computacional de análise acústica para tratamento de nossos dados.

precedente (pois todos os dados têm a vogal [a] precedendo /v/), classes de palavras (pois todas as ocorrências pertencem à classe dos verbos), *status* morfológico do segmento e grupo fônico (pois todos os dados aqui possuem o morfema /ava/). Já as variáveis extralinguísticas foram: gênero/sexo, faixa etária, escolaridade e registro. A seguir, justificamos nossa escolha por cada uma destas variáveis.

a) Contexto fonológico subsequente:

As variáveis contextos fonológicos precedente e subsequente podem exercer muita influência em relação ao uso de cada variante. Trata-se da noção de direcionalidade, a partir da qual podemos dizer se um segmento sonoro possui mais afinidade com o som que o precede ou com o que o sucede. Por isso, observaremos aqui os elementos que sucedem as realizações do fonema /v/ e que podem influenciar na sua manutenção ou na sua aspiração. Outros trabalhos que pesquisaram sobre o enfraquecimento de /v/ e que utilizaram essas variáveis foram: Roncarati e Uchoa (1988), Marques (2001) e Aragão (2009). A seguir, mostraremos exemplos de ocorrências de cada contexto subsequente²⁵. Ex.: [a, ã, u] – aceita/v/a, fica/v/am, chama/v/u.

b) Tipo de sílaba:

A variável tipo de sílaba foi escolhida por supormos que o fato de uma sílaba ser travada ou livre poderia influenciar na ocorrência do fenômeno. A seguir, exemplos de ocorrências em cada fator. Ex.: Travada – ta/v/am; Não-travada – pega/v/a.

c) Dimensão do vocábulo:

A variável dimensão do vocábulo foi analisada para verificar se a extensão do mesmo teria alguma influência sobre o fenômeno. A maior parte das pesquisas aponta que quanto mais extenso for o vocábulo, maior será o enfraquecimento, ou seja, maior será o uso da variante aspirada. Ex.: Dissílabo – da/v/a; Trissílabo ou maior – enxerga/v/a.

d) Frequência de uso:

A variável frequência de uso do segmento, por sua vez, leva em consideração a hipótese proposta por Roncarati e Uchoa (1988) de que o fenômeno estaria lexicalmente

²⁵ A transcrição apresentada aproxima-se o máximo possível da fala dos informantes, mas optamos por não transcrevê-la foneticamente, para não dificultar a leitura.

condicionado, pois quanto mais determinada palavra é utilizada maior será a sua variação. No entanto, utilizamos critérios diferentes desses autores.

Inicialmente, deixamos para codificar essa variável após todas as outras terem sido codificadas na nossa amostra. Em seguida, fizemos uma contagem de cada palavra que aparecia em nossos dados para, depois, podermos agrupá-la ou não junto a outras que se modificavam apenas em algumas flexões. Por exemplo, num mesmo grupo, reunimos as palavras: “volta - volto - volte - voltam - voltá - voltava - voltando - voltamo(s) - voltaram - voltado - voltarão - voltasse - voltei - voltô”. Elas, juntas, contabilizaram 148 ocorrências (de enfraquecimento e de manutenção). No entanto, nem todas as flexões de um mesmo verbo ficaram reunidas num mesmo grupo, pois possuíam características fonológicas bem diferentes. Exemplos disso são os verbos “vem” (com 131 ocorrências) e “vinha(m)” (com 86 ocorrências).

Por último, com o número de cada grupo de palavras em mãos, pudemos reuni-las a partir de intervalos estabelecidos de acordo com o número total que encontramos em cada contexto. Ex.: Termo extremamente usual (de 301-520): ta/v/a; Termo muito usual (de 101-300): fica/v/a; Termo usual (de 61-100): da/v/a; Termo pouco usual (de 21-60): chega/v/a; Termo pouquíssimo usual (de 01-20): precisa/v/a.

A seguir, apresentamos as variáveis extralinguísticas estudadas aqui.

e) Gênero/Sexo:

Labov (1994), ao reconhecer as diferenças linguísticas entre homens e mulheres, elaborou alguns princípios básicos sobre isso. O primeiro deles é que, normalmente, são os homens que usam mais as formas não-padrão. Por outro lado, as mulheres favorecem mais as formas de prestígio do que os homens. No entanto, na mudança, são elas que se mostram mais inovadoras, utilizando as formas novas (desde que estas sejam de prestígio) bem mais do que os homens. Esses princípios levam em consideração as atitudes sociais de cada sexo.

Quanto à utilização da terminologia “gênero” para a variável sexo, Labov (2001) explica que todas as análises de diferenciação sexual, ao invés de buscarmos graus de masculinidade ou feminilidade identificados socialmente, começam por separar a população em homens e mulheres, o que, muitas vezes, acaba recaindo sobre o sexo biológico do indivíduo. Por isso, resolvemos adotar, neste trabalho, a terminologia, gênero/sexo, pois, embora consideremos “gênero” a mais adequada – visto que está relacionado ao papel social

que homens e mulheres assumem –, quando as entrevistas do NORPOFOR foram feitas, foi dada prioridade à separação em sexo biológico dos indivíduos.

Ao analisar o papel de homens e mulheres sobre a mudança linguística, Labov reconhece o *paradoxo do gênero*: “as mulheres se conformam mais atentamente que os homens a normas sociolinguísticas que são claramente prescritas, mas se conformam [adaptam] menos que os homens quando não são.”²⁶ (LABOV, 2001, p. 293). Assim, as mulheres são mais sensíveis aos padrões de prestígio, e esse comportamento deve desempenhar um importante papel no mecanismo da mudança linguística. A explicação para isso é que as mulheres, por, normalmente, conversarem mais com as crianças do que os homens, durante os anos de formação das regras linguísticas com maior rapidez e eficiência, provavelmente teriam forte influência sobre o ritmo do progresso e a direção da mudança linguística.

Por isso, é importante observarmos que:

A generalização correta não é a de que as mulheres lideram a mudança linguística, mas sim que a diferenciação sexual da fala frequentemente desempenha um papel importante no mecanismo da evolução linguística. [...] A diferenciação sexual com que estamos lidando depende claramente de padrões de interação social na vida diária [...] e de uma postura expressiva que é socialmente mais apropriada para um sexo do que para outro. (LABOV, [1972] 2008, p. 348).

A partir dessas considerações, dividimos a variável gênero/sexo em: masculino e feminino.

f) Faixa etária:

A sociolinguística variacionista postula que as mudanças podem ser apreendidas durante a sua implementação através do que se denominou análise em tempo aparente. Levaremos em consideração, ainda, a hipótese clássica, segundo a qual

o comportamento linguístico de cada geração reflete um estágio da língua, com os grupos etários mais jovens introduzindo novas alternantes que substituem gradativamente aquelas que caracterizam a fala de indivíduos de faixas etárias mais velhas. (ARAÚJO, 2007, p. 395).

²⁶ “Women conform more closely than men to sociolinguistic norms that are overtly prescribed, but conform less than men when they are not.”

Para a investigação dos aspectos sociolinguísticos da comunidade de fala fortalezense, utilizamos o método de investigação em tempo aparente, isto é, um estudo feito a partir de um recorte temporal promovido pelo pesquisador que analisa dados de uma comunidade estratificada em faixas etárias, a partir do que foi estabelecido pelo projeto NORPOFOR. Dessa forma, poderemos verificar se o fenômeno aqui analisado apresenta indícios de mudança em progresso ou de variação estável. As faixas que analisaremos são as mesmas estipuladas pelo Projeto NORPOFOR: faixa 1 – 15-25 anos; faixa 2 – 26-49 anos; faixa 3 – 50 anos em diante.

g) Escolaridade:

A variável escolaridade está sempre presente nas pesquisas sociolinguísticas, visto que, geralmente, os falantes com menor nível de escolaridade são os que mais usam as formas não-padrão. Normalmente, é na escola onde o indivíduo é mais exposto ao conhecimento sistematizado da língua e às suas formas padrão.

Neste trabalho, estamos levando em consideração apenas falantes do que é considerado norma popular, ou seja, não estamos analisando falantes com nível superior de ensino. Assim, decidimos controlar essa variável (escolaridade) a partir da estratificação estabelecida pelo projeto NORPOFOR: 0 a 4 anos, 5 a 8 anos, 9 a 11 anos, levando em consideração para esta pesquisa apenas a primeira e a última faixas de escolaridade (já explicado anteriormente): 0-4 anos e 9-11 anos.

h) Registro:

Nesta variável, analisaremos o tipo de discurso que envolve cada informante. Nesta amostra, temos dois tipos: diálogo entre informante e documentador (DID) e diálogo entre dois informantes (D2). Acredita-se que situações de maior “pressão”, como o fato de o informante não se sentir à vontade com o documentador ou mesmo o fato de saber que sua fala está sendo gravada, causam um maior monitoramento e controle linguístico por parte do falante. Por outro lado, situações mais “relaxadas”, como o relato de uma experiência pessoal, acarretam numa fala menos monitorada, conhecida pela sociolinguística como vernáculo – que deve ser a fala a ser analisada principalmente em pesquisas de natureza fonológica.

Em geral, espera-se que o DID apresente um comportamento de certa forma monitorado (não relaxado) pelo informante, o que pode ser um reflexo da presença do

inquiridor e do gravador, embora a nossa escolha pela audição dos quarenta minutos²⁷ finais da gravação procure eliminar um pouco desse controle exercido.

O D2, por sua vez, normalmente reflete um discurso mais relaxado. Em geral, eles são realizados entre duas pessoas que já se conhecem e possuem certo grau de intimidade, fato que poderia eliminar boa parte do monitoramento na fala delas. Dessa forma, espera-se que haja um maior número de variantes inovadoras nesse estilo de fala. No entanto, esse tipo de discurso possui, algumas vezes, a desvantagem da sobreposição de vozes, o que dificulta a transcrição das ocorrências.

Todas as ocorrências transcritas foneticamente foram codificadas e digitadas em um arquivo do programa GoldVarb X, versão mais atual do VarBrul, utilizado nesta pesquisa. Essa versão foi elaborada por Sankof, Tagliamonte e Smith (2005)²⁸. Esse programa irá fornecer o número de ocorrências das variantes analisadas para cada fator, o percentual de aplicação da regra e o peso relativo (P.R.). Sobre este último, Guy e Zilles (2007, p. 211) explicam que “o efeito [...] pode ser neutro (0,50), favorecedor (acima de 0,50) ou desfavorecedor (abaixo de 0,50) em relação à aplicação da regra em estudo.” A partir dos resultados das análises desse programa, podemos confirmar ou não nossas hipóteses iniciais.

4. Análise dos dados e discussão dos resultados

Quando fizemos uma abordagem geral do fenômeno (RODRIGUES; ARAÚJO, 2014), os resultados obtidos para a aspiração de /v/ no contexto início de palavra e na posição intervocálica foram: 5.962 ocorrências de /v/ (no primeiro contexto), o equivalente a 54,12%; e 5.055 dados (no segundo contexto), o que corresponde a 45,88%, totalizando, assim, 11.017 ocorrências. Nos dois contextos, foram encontradas 1.379 (12,5%) ocorrências da aspiração, enquanto a fricativa labiodental ocorreu em 9.638 (87,5%) dos dados.

Após verificarmos os resultados de pesquisas anteriores (RONCARATI; UCHOA (1988), CANOVAS (1991), MARQUES (2001), ALENCAR (2007) e PELICOLI (2008)), que constataram um número bem maior de ocorrências enfraquecidas com o grupo /ava/ (vogal temática da primeira conjugação + morfema do pretérito imperfeito do indicativo) e, posteriormente, ao verificarmos algo semelhante durante a transcrição dos nossos dados,

²⁷ Esse tempo foi menor, quando a gravação possuía menos de 40 minutos, como explicado anteriormente.

²⁸ Essa versão pode ser encontrada e copiada, gratuitamente, em: <<http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.htm>>. Acesso em 10 dez. 2012.

sentimos a necessidade de aprofundarmos a análise. Assim, neste artigo, discutiremos os resultados obtidos para a aspiração de /v/ nesse contexto. Essa análise, por sua vez, será subdividida em duas: somente com o pretérito imperfeito em /ava/ e cruzamento entre escolaridade, faixa etária e gênero/sexo para pretérito imperfeito em /ava/.

4.1 Primeira análise para o pretérito imperfeito em /ava/

O que encontramos foram 1.816 dados, dos quais 839 (46,2%) pertencem ao enfraquecimento e 977 (53,8%) eram da forma não enfraquecida, o que mostra um resultado equilibrado entre as duas variantes. Não houve nocautes nessa rodada, assim, podemos visualizar estes números no gráfico 1.

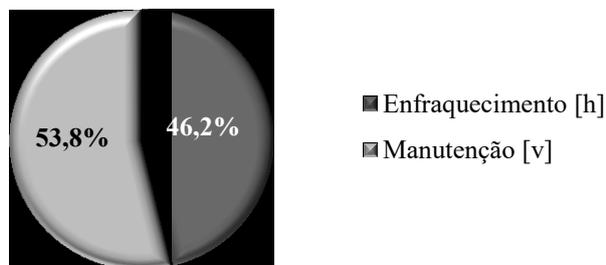


Gráfico 1: Distribuição das ocorrências por variante no contexto do morfema verbal /ava/

Na pesquisa de Roncarati e Uchoa (1988), uma das variáveis por eles analisada no enfraquecimento de /v/ foi a marca de desinência verbal, cujos fatores eram: segmento enfraquecido nas formas em /ava/ (imperfeito do primeiro conjunto), segmento enfraquecido em outras formas verbais e segmento em outras formas não verbais. Os valores obtidos para cada um desses segmentos foram, respectivamente: 0,82 (62/241 – 26%), 0,37 (30/695 – 4%) e 0,27 (12/583 – 2%). Também, a pesquisa constatou que o morfema do imperfeito /ava/ foi selecionado em primeiro lugar dentre os fatores postulados pelos autores para o enfraquecimento de /v/. Ademais, eles verificaram que os verbos em /ava/ são os mais usuais no léxico de todos os falantes das entrevistas por eles analisadas, ou seja, tanto as de falantes fortalezenses (25,85% de aspiração) quanto as de participantes da IMP (68,29% de enfraquecimento) e do interior do Ceará (77,77% de aspiração).

Em João Pessoa, no trabalho de Marques (2001), também foi constatada maior ocorrência aspirada nas palavras que possuíam a forma /ava/²⁹: 44% (1076) eram de enfraquecimento, contra 56% (1361) da manutenção.

A respeito da ocorrência com as formas em /ava/, Canovas (1991) relata que, em Salvador:

Os índices da pronúncia padrão foram quase unânimes. Mesmo a alta produtividade da desinência -ava na língua, acrescido o fato de ser pronunciada com a aspiração [aha] e que, segundo nossas observações empíricas, nos levava a prever um índice bem mais alto da aspiração de /v/, o qual não se confirmou nos nossos dados. (CANOVAS, 1991, p. 103).

Ainda nessa mesma cidade, a pesquisa de Pelicioli (2008) revelou que, das 48 ocorrências aspiradas de /v/, 42 (88%) foram com palavras com o morfema /ava/ no pretérito imperfeito, 5 (10%) com flexões do verbo “ir” e uma (2%) com a palavra “inclusive”.

Alencar (2007) também observa em seus dados que o maior número de ocorrências acontece com a desinência do pretérito imperfeito do indicativo /ava/ e que, em outras formas verbais e até mesmo em outras classes de palavras, a aspiração não foi beneficiada.

A primeira análise que fizemos no GoldVarb X já foi satisfatória, pois não apresentou nocautes e houve distribuição complementar na seleção das variáveis, isto é, as que foram selecionadas não apareceram entre as excluídas e vice-versa. O melhor nível de análise foi o *step up 36* (*input* 0,451 e significância 0,041) que só não selecionou a variável contexto fonológico subsequente³⁰; os demais grupos de fatores foram selecionados nesta ordem hierárquica: escolaridade, registro, frequência de uso, faixa etária, tipo de sílaba, gênero/sexo e dimensão do vocábulo.

A seguir, analisaremos cada uma das variáveis consideradas relevantes.

a) Escolaridade

A primeira variável selecionada foi social: a escolaridade, que, segundo a tabela 1, confirma o que já vínhamos observando em outras análises, isto é, os falantes de menor

²⁹ É importante lembrar que, no caso da pesquisa de Marques (2001), as formas em /ava/ incluíam ainda palavras que não estavam no pretérito imperfeito do indicativo, como: “ca[h]alo” e “la[h]ar”.

³⁰ A variável contexto fonológico subsequente era composta apenas pelas vogais [a] (ex.: “aceitava”), [ẽ] (ex.: “ficavam”) e [u] (ex.: “chamavu”).

escolaridade favorecem o enfraquecimento (0,635), ao contrário dos que possuem maior escolaridade (0,315).

Tabela 1. Atuação da escolaridade sobre o enfraquecimento de /v/ no imperfeito /ava/

Fatores	Aplica/Total	%	P.R.
0 a 4 anos	611/1061	57,6	0,635
9 a 11 anos	228/755	30,2	0,315

Já em 1937, a pesquisa de Aguiar também observou que esse fenômeno, no falar cearense, acontecia “no dialeto rústico e no infantil” (AGUIAR, 1937, p. 298). Macambira (1987), por sua vez, relata que o mesmo fenômeno ocorre, no português coloquial de Fortaleza, “na boca de formandos e formados” (MACAMBIRA, *op. cit.*, p. 274).

Na pesquisa de Roncarati e Uchoa (1988), ao expor o peso de /v/, separadamente, o fator escolaridade revelou que os índices de enfraquecimento (0,89) “são menores em falantes com as séries iniciais do 1º grau”³¹ (p. 20). Em contrapartida, os resultados do teste de atitudes, aplicado pelos autores, revelaram que, em relação ao item “gosta[h]a”, três juízes mencionaram a existência da troca de “v” por “r”, e “Um juiz afirmou que ‘aprendi bastante para não cometer tal erro’.” (RONCARATI; UCHOA, 1988, p. 95), o que revela que é feita a associação entre nível de escolaridade e uso da variante aspirada.

Em Canovas (1991), observamos resultados bem diferentes, pois são os falantes de 3º grau completo os que mais favorecem a regra, com 5,73% das ocorrências (34/593). Em seguida, vêm os falantes que possuíam até o 1º grau (3,60% ou 21/583) e, por último, os que tinham o 2º grau completo (0,52% ou 3/568). Pelicioli (2008), aproximadamente dezessete anos depois, obteve os mesmos resultados: os falantes de nível universitário foram responsáveis por 52,1% (25/48) das realizações aspiradas de /v/, enquanto os de nível fundamental ficaram com apenas 47,9% (23/48) das ocorrências. Por isso, pode-se dizer que, em Salvador, a variante enfraquecida não é estigmatizada.

Na pesquisa de Marques (2001)³², os informantes analfabetos foram os maiores aliados do enfraquecimento (0,59), obtendo um índice muito próximo aos que tinham de 1 a 4 anos de

³¹ Esse resultado parece estar incoerente com os demais que são apresentados por Roncarati e Uchoa (1988) em relação a essa mesma variável.

³² Em Marques (2001), os resultados das variáveis sociais referem-se apenas ao arquivo onde ela reuniu as palavras que possuíam o grupo /ava/ (sendo do pretérito imperfeito ou não), pois, no outro arquivo, onde ela colocou os demais contextos de /v/, o programa não selecionou nenhuma variável social.

escolarização (0,58). Os indivíduos com 5 a 8 anos de escolaridade também agiram positivamente sobre o fenômeno (0,56), porém os falantes com 9 a 11 (0,34) e mais de 11 anos (0,29) inibiram o enfraquecimento. Dessa forma, percebemos que a forma aspirada também é estigmatizada em João Pessoa.

b) Registro

Em seguida, veio o registro, cujos dados revelam que, no DID, há maior probabilidade de enfraquecimento (0,580) do que no D2 (0,338), conforme a tabela 2.

Tabela 2. Atuação do registro sobre o enfraquecimento de /v/ no imperfeito /ava/

Fatores	Aplica/Total	%	P.R.
DID	626/1228	51,0	0,580
D2	213/588	36,2	0,338

Embora se esperasse que no D2 houvesse um menor monitoramento e, conseqüentemente, um maior uso da variante aspirada, percebemos, durante a fase das transcrições, que os entrevistadores (dos DID) tinham conseguido criar um ambiente de muita informalidade, cumprindo seu objetivo inicial, como relata Araújo (2007):

Embora o grau de intimidade entre informante e pesquisador não fosse muito elevado, porque, na maioria das entrevistas, os participantes não se conheciam previamente, o entrevistador buscava conduzir a entrevista de forma descontraída e natural.

Nas entrevistas realizadas, a participação do pesquisador restringia-se à formulação de perguntas curtas e claras que eram feitas com o intuito de incentivar o entrevistado a falar o máximo possível. [...]

Sempre que era percebida a preferência do entrevistado por um determinado assunto, procurava-se explorar este tema mais detidamente. Isso fazia com que o informante se entusiasmasse com o seu relato a ponto de esquecer que sua fala estava sendo gravada, como ele próprio confessava, ou lamentasse o término da entrevista. (ARAÚJO, 2007, p. 57).

Em contrapartida, observamos também que, em alguns D2 analisados, os informantes não se mostraram muito à vontade.

Na pesquisa de Roncarati e Uchoa (1988), após a aplicação do teste de atitudes entre dez juízes cearenses, chegou-se às hipóteses de que “a situação de fala informal, rápida, relaxada e menos monitorada parece favorecer o enfraquecimento.” (RONCARATI; UCHOA, 1988, p. 93). Alencar (2007) também constatou que, embora haja predominância da

manutenção das fricativas desvozeada e vozeada, “em termos discursivo-pragmáticos, em situação menos monitorada, digamos mesmo, relaxada, mais rápida, a fala favorece a neutralização [...]” (ALENCAR, 2007, p. 120).

c) Frequência de uso

A terceira variável selecionada foi a frequência de uso. Com ela, verificamos que são os termos muito usuais (0,660) e não os extremamente usuais (0,567) os que favorecem o enfraquecimento. Em seguida, confirmamos a hipótese de que quanto menos usual for um termo menor será a sua probabilidade de enfraquecimento, como mostra a tabela 3:

Tabela 3. Atuação da frequência de uso sobre o enfraquecimento de /v/ no imperfeito /ava/

Fatores	Aplica/Total	%	P.R.	Exemplos
Termo muito usual	77/133	57,9	0,660	fica[h]a
Termo extremamente usual	281/513	54,8	0,567	ta[h]a
Termo usual	163/332	49,1	0,494	da[h]a
Termo pouco usual	127/286	44,4	0,479	si[h]iu
Termo pouquíssimo usual	191/552	34,6	0,413	cutu[h]elo

Em nossos dados, só classificamos como termos extremamente usuais os verbos “tava(m)/estava(m)”, pois com eles é que obtivemos o valor de 0,567. Mas os termos classificados como usuais apresentaram maior diversidade de palavras. São elas: “fica/v/a(m)” (67/110), “leva/v/a(m)” (8/19) e “conversa/v/a” (2/4). Por isso, seu percentual e seu peso relativo foram maiores.

Em Roncarati e Uchoa (1988), o termo mais frequente é também o verbo “tava”. Nas amostras que eles analisaram, ele aparece 108 vezes, das quais 47 (43,5%) são enfraquecidas. Em segundo lugar, eles registraram o verbo “gostava” que aparece 17 vezes, enfraquecendo em 12 delas (70,6%). E é justamente este último verbo que eles utilizam na aplicação do teste de atitudes. Segundo a percepção dos juízes cearenses que participaram do teste, esse verbo costuma ser enfraquecido: por falantes de 5^a a 8^a série do 1^o grau³³ (70%); por empregados de loja (40%); por falantes do norte do Ceará (70%); por informantes de Fortaleza (90%); pela forma de construção da frase (50%); pela pronúncia da palavra (30%); por uma linguagem informal, rápida, relaxada, não-monitorada (40%); por homens e mulheres (mesma

³³ Atualmente, de 6^o a 9^o ano do Ensino Fundamental.

porcentagem); por falantes da faixa 4 – 38, 40 e 42 anos (90%); e um juiz do teste afirmou que não pronunciaria dessa maneira (80%).

d) Faixa etária

A variável selecionada em seguida é a faixa etária, cujos resultados corroboram com os demais, pois são os da faixa 3 (de 50 anos ou mais) os que mais privilegiam o enfraquecimento (0,568); os da faixa 2 (de 26 a 49 anos) também se mostram favorecedores do fenômeno, embora timidamente já que o peso relativo atribuído a esta faixa etária se aproxima muito do ponto neutro (0,522); e os da faixa 1 (de 15 a 25 anos) são inibidores do fenômeno (0,345), de acordo com a tabela 4.

Tabela 4. Atuação da faixa etária sobre o enfraquecimento de /v/ no imperfeito /ava/

Fatores	Aplica/Total	%	P.R.
Faixa 3: 50 anos ou mais	429/862	49,8	0,568
Faixa 2: 26-49 anos	246/512	48,0	0,522
Faixa 1: 15-25 anos	164/442	37,1	0,345

e) Tipo de sílaba

Em quinto lugar, temos novamente uma variável linguística, o tipo de sílaba. Com ela, verificamos que as sílabas não-travadas comportam-se de maneira neutra (0,508) em relação ao enfraquecimento, e as travadas o inibem (0,235), como revela a tabela 5.

Tabela 5. Atuação do tipo de sílaba sobre o enfraquecimento de /v/ no imperfeito /ava/

Fatores	Aplica/Total	%	P.R.	Exemplo
Não-travada	831/1768	47,0	0,508	pega[h]a
Travada	8/48	16,7	0,235	ta[h]am

Dentre os dados em que encontramos até 15 ocorrências, citaremos os demais exemplos encontrados na amostra (além do exemplo já apresentado na tabela) – de sílaba travada: “ta[h]am” (Inq. 40, 129, 10, 34 e 34), “droga[h]am” (Inq. 10) e “fica[h]am” (Inq. 72).

Ao observarmos os cruzamentos feitos entre esta variável e os demais grupos linguísticos, verificamos que há valores muito baixos em todas as células correspondentes às sílabas travadas, apresentando, inclusive, muitas células vazias. Dessa forma, podemos entender que as sílabas não-travadas comportam-se de maneira neutra porque, praticamente, não há “competição” com as sílabas travadas.

f) Gênero/sexo

Em seguida, o programa selecionou a variável gênero/sexo, e os resultados obtidos, segundo a tabela 6, corroboram os demais que selecionaram esta variável, ou seja, são os homens os que favorecem o enfraquecimento (0,560), enquanto as mulheres o inibem (0,471).

Tabela 6. Atuação do gênero/sexo sobre o enfraquecimento de /v/ no imperfeito /ava/

Fatores	Aplica/Total	%	P.R.
Homens	601/5343	11,2	0,560
Mulheres	778/5612	13,8	0,471

g) Dimensão do vocábulo

Por último, foi selecionada a variável dimensão do vocábulo, cujos resultados revelam que o enfraquecimento é favorecido apenas pelos dissílabos (0,584); os trissílabos ou maiores inibem o fenômeno (0,458), em conformidade com a tabela 7. Dessa forma, aqui não se confirma a hipótese de que quanto maior o vocábulo maior a probabilidade de enfraquecimento.

Tabela 7. Atuação da dimensão do vocábulo sobre o enfraquecimento de /v/ no imperfeito /ava/

Fatores	Aplica/Total	%	P.R.	Exemplo
Dissílabos	330/599	55,1	0,584	da[h]a ³⁴
Trissílabos ou maiores	509/1217	41,8	0,458	enxerga[h]a

A fim de entendermos melhor a atuação das variáveis linguísticas selecionadas pelo programa, resolvemos fazer o cruzamento entre elas e verificamos que há um desequilíbrio nas células de dissílabos e trissílabos ou maiores com sílaba travada, enquanto as demais se mostram equilibradas, como podemos ver na tabela 8:

Tabela 8. Dimensão da palavra X Tipo de sílaba sobre o enfraquecimento de /v/ no imperfeito /ava/

³⁴ As 330 ocorrências aspiradas de dissílabos distribuem-se em: “ta[h]a(m)” e “da[h]a”.

	Aplica/Total	%	Aplica/Total	%
	Não-travada		Travada	
Trissílabos ou maior	507/1185	43	2/32	6
Dissílabos	324/583	56	6/16	38

4.2 Segunda análise: cruzamento entre escolaridade, faixa etária e gênero/sexo para pretérito imperfeito em /ava/

Realizamos mais uma análise com o cruzamento entre as variáveis sociais selecionadas pelo programa (escolaridade, faixa etária e gênero/sexo). Nessa análise rodada³⁵, obtivemos um grupo selecionado e, ao mesmo tempo, excluído pelo programa (cruzamento – faixa etária x escolaridade) e outro que nem foi selecionado nem excluído (contexto fonológico subsequente).

Por isso, resolvemos excluir a variável contexto fonológico subsequente³⁶ da análise seguinte. Nesta, obtivemos resultados satisfatórios, e o melhor nível de análise escolhido pelo programa foi o *step up 27* (*input* 0,453, significância 0,024 e *log likelihood* -1079,541), cujas variáveis selecionadas foram (nesta ordem): cruzamento – escolaridade x gênero/sexo, registro, frequência de uso, cruzamento – faixa etária x gênero/sexo, tipo de sílaba e dimensão do vocábulo. Em contrapartida, o excluído foi o cruzamento – faixa etária x escolaridade. A seguir faremos considerações com base nesta última análise.

a) Cruzamento – escolaridade x gênero/sexo

Nesta análise, a primeira variável selecionada pelo programa foi o cruzamento – escolaridade x gênero/sexo. Os resultados obtidos revelam que tanto homens quanto mulheres de menor escolaridade (de 0 a 4 anos) favorecem o enfraquecimento, sendo a sua ocorrência bem mais prestigiada pelos homens (0,715); enquanto ambos os sexos inibem o fenômeno, quando o nível de escolaridade é maior (de 9 a 11 anos), como pode ser visto no gráfico 2.

³⁵ Os grupos selecionados no *step up 33* (*input* 0,453, significância 0,024 e *log likelihood* -1079,541) nesta análise foram (nesta ordem): cruzamento – escolaridade x gênero/sexo, registro, frequência de uso, cruzamento – faixa etária x gênero/sexo, tipo de sílaba e dimensão do vocábulo. Os excluídos foram (nesta ordem): cruzamento – faixa etária x escolaridade e tipo de sílaba.

³⁶ Essa variável já havia sido excluída pelo programa na análise anterior e, como já mencionamos, os seus fatores eram de apenas três vogais ([a], [ẽ] e [u]), que possuíam uma enorme desproporção, pois a maior parte das ocorrências acontecia com [a].

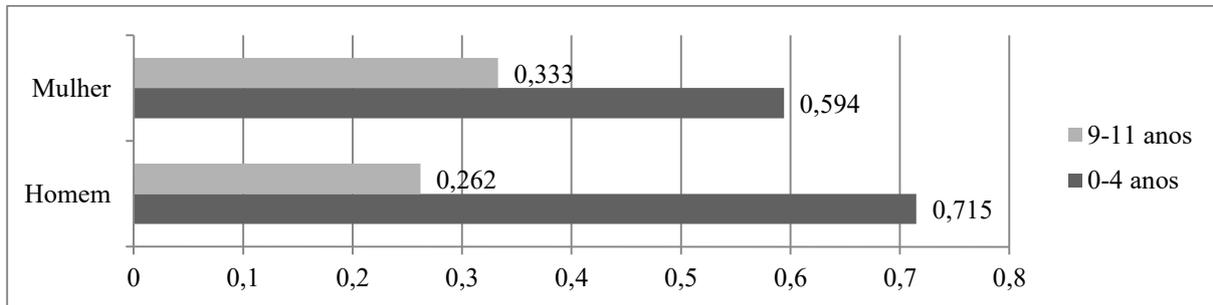


Gráfico 2: Pesos relativos do cruzamento – escolaridade x gênero/sexo no enfraquecimento de /v/ no imperfeito /ava/

b) Registro

O registro veio em segundo lugar e apresentou os mesmos resultados da análise anterior (cf. 4.1 item “b”), com pequenas alterações nos valores: DID (0,573) e D2 (0,351).

c) Frequência de uso

Em seguida, o programa selecionou a variável frequência de uso e apresentou pequenas diferenças apenas nos valores de cada fator: termos muito usuais (0,672), termos extremamente usuais (0,553), termos usuais (0,486) e termos pouquíssimo usuais (0,420).

d) Cruzamento – faixa etária x gênero/sexo

Em quarto lugar, foi selecionado o cruzamento – faixa etária x gênero/sexo. A partir dele, verificamos que as mulheres, tanto as da faixa 2 (de 26 a 49 anos) quanto as da faixa 3 (50 anos ou mais), atuam como aliadas do enfraquecimento (0,538 e 0,529, respectivamente), embora com valores próximos do ponto neutro. Por outro lado, os homens da faixa 3 (50 anos ou mais) se mostraram fortes aliados da regra (0,666), mas só se comportaram assim nessa faixa etária. Assim, os homens da faixa 2 (0,448) e ambos os sexos da faixa 1 (de 15 a 25 anos) são inibidores da aspiração, conforme o gráfico 3:

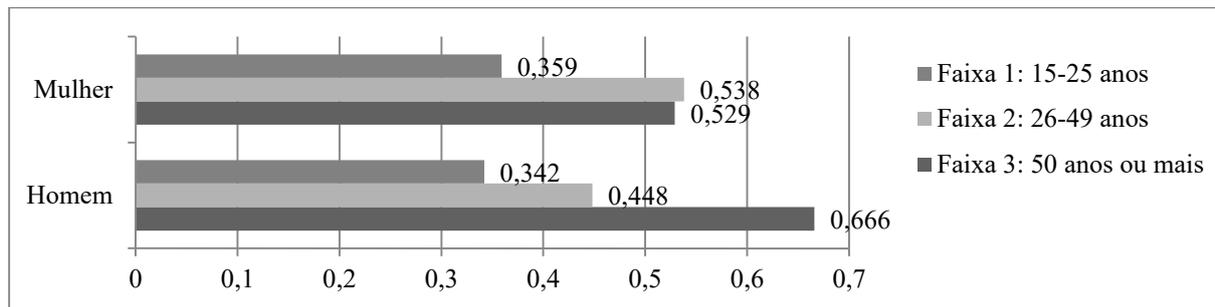


Gráfico 3: Pesos relativos do cruzamento – faixa etária x gênero/sexo no enfraquecimento de /v/ no imperfeito /ava/

Pelo gráfico 3, podemos ainda notar que, em relação aos homens, à medida que decresce a faixa etária decresce também o índice de enfraquecimento. Com as mulheres, esse índice se estabiliza a partir da faixa etária intermediária.

e) Tipo de sílaba

O tipo de sílaba foi selecionado em seguida, apresentando valores muito próximos aos da análise anterior (cf. 4.1 item “e”): sílaba não-travada (0,507) e travada (0,256).

f) Dimensão do vocábulo

Em último lugar, o programa selecionou a variável dimensão do vocábulo, cujos resultados também mostram muita semelhança com os da análise supracitada: dissílabos (0,600) e trissílabos (0,450).

5. Conclusões

A aspiração de /v/ no contexto /ava/ do pretérito imperfeito no falar fortalezense, com base nos resultados das variáveis linguísticas, confirma, em nossa pesquisa, a hipótese de Roncarati (1999) de que o fenômeno estaria condicionado lexicalmente e não fonologicamente, defendendo o difusionismo lexical³⁷, visto que, em nossos resultados, verificamos que a frequência de uso de um segmento foi uma variável muito relevante.

³⁷ Essa discussão (*difusão lexical e mudança sonora*) pode ser melhor verificada em Wang (1969, *apud* SILVA, 2009) e (BLOOMFIELD, [1933] 2005), reproduzidos na dissertação de Rodrigues (2013).

Em relação a fatores sociais, percebemos que, como o resultado geral favorece, principalmente, a faixa etária mais avançada (e vice-versa), afirmamos que há indícios de uma mudança em progresso, o que não confirma a nossa hipótese inicial de que se trataria apenas de um fenômeno em variação estável.

No entanto, confirmamos a afirmação de autores, como Aguiar (1937), Seraine (1938 *apud* RONCARATI; UCHOA, 1988), Gueiros (1938 *apud* RONCARATI; UCHOA, 1988) e Bueno ([1955] 1967) que consideraram a aspiração como um fenômeno estigmatizado, pois, na nossa amostra, quanto menor o grau de escolaridade, maior foi o enfraquecimento de /v/. Quanto à variável gênero/sexo, no contexto específico analisado, ainda há um favorecimento dos homens em relação à variante aspirada (o que não confirmou nossa hipótese inicial de equilíbrio em ambos os gêneros/sexos); essa diferença se tornou mais evidente quando fizemos o cruzamento dessa variável com a escolaridade e com a faixa etária, pois, embora ambos os gêneros/sexos se mostrassem aliados em níveis semelhantes nessas variáveis, os índices dos homens foram superiores. Por último, a variável que nos surpreendeu nos resultados foi o registro, pois houve um maior monitoramento nos diálogos entre dois informantes (D2) com um menor uso da variante aspirada. Para explicar isso, verificamos que as entrevistas nos diálogos entre informante e documentador (DID) acabaram deixando os entrevistados bem mais à vontade, o que refletiu um menor monitoramento da fala deles.

Enfim, podemos perceber que se trata de um fenômeno muito recorrente no falar de Fortaleza, mas que ainda precisa de um estudo mais aprofundado, envolvendo testes de atitudes linguísticas que possam revelar o quanto de uso e o quanto de estigma realmente existem em relação à aspiração.

Referências

AGUIAR, M. de. Fonética do português do Ceará. **Revista do Instituto do Ceará**, Fortaleza, ano 51, n. 51, p. 271-307, 1937.

ALENCAR, M. S. M. de. **Aspectos sócio-dialetais da língua falada em Fortaleza: as realizações dos fonemas /r/ e /r/**. 2007. 184 p. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza-CE, 2007.

ARAGÃO, M. do S. S. de. Estudos Fonético-Fonológicos no Estado do Ceará. **Signum: Estudos de Linguagem**, Londrina, v. 7/1, p. 21-41, jun. 2004. **crossref**
<http://dx.doi.org/10.5433/2237-4876.2004v7n1p21>

_____. A neutralização dos fonemas /v, z, ʒ/ no falar de Fortaleza. In: RIBEIRO, S.; COSTA, S. B. B.; CARDOSO, S. A. M. (orgs.). **Dos sons às Palavras: nas trilhas da língua portuguesa**. Salvador: EDUFBA, 2009, p. 187-200.

ARAÚJO, A. A. de. **As vogais pretônicas no falar popular de Fortaleza: uma abordagem variacionista**. 2007. 154 p. Tese (Doutorado em Linguística) Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza-CE, 2007.

_____. O projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza – NORPOFOR. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA, 15., 2011, Rio de Janeiro. **Cadernos do CNLF**. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011, v. XV, n. 5, t. 1. p. 835-845.

BLOOMFIELD, L. **Language**. London: George Allen & Unwin LTD, 2005 [1933].

BUENO, F. da S. **A formação histórica da língua portuguesa**. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 1967 [1955].

CANOVAS, M. I. F. **Variação fônica de /S/ pós-vocálico e de /v, z, ʒ/ cabeças de sílaba, na fala de Salvador**. Salvador, 1991. 168f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador-BA, 1991.

GUY, G. R.; ZILLES, A. **Sociolinguística Quantitativa**. São Paulo: Parábola, 2007.

LABOV, W. **Sociolinguistics Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1972 [ed. Br.: 2008. **Padrões Sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno; Maria Marta Pereira Scherre & Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. **Principles of linguistic change: internal factors**. Vol. 1. Oxford: Blackwell Publishers, 1994.

_____. **Principles of linguistic change: social factors**. Vol. 2. Malden, Massachussets/Oxford: Blackwell, 2001.

MACAMBIRA, J. R. **Fonologia do Português**. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1987.

MARQUES, S. M. O. **A produção variável do fonema /v/ em João Pessoa**. João Pessoa, 2001. 96f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa-PB, 2001.

MATOS, A. M.; NETO, A. C. Oportunidade e Miséria nos Bairros de Fortaleza. **Scripta Nova: Revista electrónica de geografía y ciencias sociales**. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1 de agosto de 2003, vol. VII, n. 146(030). Disponível em: [http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-146\(030\).htm](http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-146(030).htm). Acesso em: 05 abr. 2013.

MONTEIRO, J. L. As descrições fonológicas do português do Ceará: de Aguiar a Macambira. **Revista do GELNE (UFC)**, Fortaleza, v. 2, n.1, p. 29-32, 2001.

PELICIOLI, R. *A rênti tarra em carra mermo*: a aspiração de fricativas na fala de Salvador. Salvador-BA, 2008. 48f. Monografia (Graduação em Letras Vernáculas). Universidade Federal da Bahia, Salvador-BA, 2008.

RODRIGUES, A. G. P. *Ramo rê se rai dá certo*: o enfraquecimento da fricativa /v/ no falar de Fortaleza. Fortaleza, 2013. 170f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza-CE, 2013.

_____; ARAÚJO, A. A. *Tarra onde, menina réa?* A aspiração de /v/ no falar de Fortaleza. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 22, p. 11-58, 2014. **crossref** <http://dx.doi.org/10.17851/2237-2083.22.2.11-58>

RONCARATI, C. N.; UCHOA, J. A. C. Enfraquecimento das fricativas sonoras. In: _____; ALMEIDA, M. R.; ARAÚJO, M. F. **Projeto Dialectos Sociais Cearenses**. Fortaleza: UFC, 1988.

_____. Variação fonológica e morfossintática na fala cearense. In: JORNADA DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO GELNE, 17., 1999, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: UFC, 1999. p. 1-12.

SANKOF, D.; TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E. **Goldvarb X**: a multivariate analysis application. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 1973.

SILVA, D. M. da. **Origem e desenvolvimento das ideias linguísticas de William Labov**. Goiânia, 2009. 138f. 2009. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística). Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Goiás, Goiânia-GO, 2009.

SILVA NETO, S. da. **História da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1970. 651 p. (Coleção Brasileira de Filosofia Portuguesa).

Artigo recebido em: 19.08.2015

Artigo aprovado em: 23.12.2015